Babilónia N.º 12
pp. 37 - 52

Hospital-Colónia Rovisco Pais: um projeto de uma cidade ideal?

Sandra Xavier
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Universidade de Coimbra

Este artigo decorre de um projeto de investigação intitulado "Hospital-Colónia Rovisco Pais: antropologia e história em contexto", apoiado em 2005 pelo Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra. Procurarei interrogar a associação estabelecida pelo médico português Fernando Bissaya Barreto (1886-1974) entre o falanstério, concebido por Charles Fourier (1772-1837) nos anos 20 e 30 do século XIX, e as suas propostas de construção de um Hospital-Asilo-Colónia para "alienados" e, posteriormente, para doentes com lepra, atualmente designada por doença de Hansen ou hanseníase, por referência ao médico norueguês Armauer Hansen (1841-1912), que em 1872 identificou o *Mycrobacterium Leprae*. O propósito será averiguar as possíveis relações entre algumas utopias modernas de cidades ideais que, segundo Jane Jacobs em *Morte e Vida das Grandes Cidades*, influenciaram o que ela designa por princípios do urbanismo moderno ortodoxo, baseados no que os urbanistas gostariam que as cidades fossem e não no que elas são, e algumas estruturas de isolamento, nomeadamente colónias agrícolas, construídas para todos aqueles que representavam uma ameaça à utopia de uma sociedade perfeita.
Palavras-chave: Hospital-Colónia Rovisco Pais, Falanstério, Charles Fourier, Cidades Ideais

This article derives from a research project entitled "Hospital-Colónia Rovisco Pais: anthropology and history in context", supported in 2005 by the Institute for Interdisciplinary Research at the University of Coimbra. I will try to examine the association established by Portuguese physician Fernando Bissaya Barreto (1886-1974) between the Phalanstery, designed by Charles Fourier (1772-1837) in the '20s and '30s of the nineteenth century, and its proposed construction of a Hospital-Asylum Cologne to "alienated" and later for patients with leprosy, now known as Hansen's disease, by reference to Norwegian physician Armauer Hansen (1841-1912), who in 1872 identified the *Mycrobacterium leprae*. The purpose is to ascertain the possible relationship between some modern utopias of ideal cities that, according to Jane Jacobs in *The Death and Life of Great American Cities*, influenced what she termed orthodox principles of modern urbanism, and some structures of isolation, especially agricultural colonies, built for all those who posed a threat to the utopia of a perfect society.
Keywords: Hospital-Colónia Rovisco Pais, Phalanstery, Charles Fourier, Ideal Cities

Neste artigo procurarei interrogar as possíveis relações entre algumas utopias modernas de cidades ideais e a Leprosaria Nacional Rovisco Pais, criada por decreto lei em 1938 para isolamento compulsivo dos doentes com lepra de todo o país. O posteriormente designado Hospital-Colónia Rovisco Pais, inaugurado em 1947 na vila da Tocha (Cantanhede), foi promovido pelo médico Fernando Bissaya Barreto (1886-1974), então presidente da Junta Provincial da Beira Litoral, e projetado pelo arquiteto Carlos Ramos (1892-1969). Como Presidente da Comissão de Obras e da Comissão Instaladora da leprosaria, Fernando Bissaya Barreto influenciou diretamente o plano geral e o desenho arquitetónico desta instituição. O interesse que Bissaya Barreto revelou ao longo da sua vida pela arquitetura, acompanhando e intervindo constantemente na elaboração dos projetos de equipamentos educativos, assistenciais e hospitalares por ele promovidos e mantendo-se a par do que em arquitetura se ia pensando e fazendo através de diversas publicações e viagens pela Europa (ver Bandeirinha 1996; Jerónimo 2008), pode ser facilmente compreendido através das noções médicas de higiene por ele adotadas, que explicam a saúde e a doença pela ação do meio físico e social sobre o organismo (ver Foucault 1997, 92-93; Green 1990, 50). Bissaya Barreto utilizou então a arquitetura, em articulação com a medicina e campanhas de educação profilática, para o seu projeto político de regeneração física mas também moral da sociedade portuguesa. As fortes relações estabelecidas entre arquitetura e medicina pelo projeto moderno de configuração de um corpo físico e social perfeito têm vindo aliás a ser estudadas por diversos autores, quer no âmbito do planeamento urbano (e.g. Green 1990; Foucault 1997; King 2004), quer da arquitetura hospitalar (e.g. Foucault *et al* 1979; Forty 1980; Providência 2000; Campbell 2005; Costa 2011).

Quando olhamos para a planta do Hospital-Colónia Rovisco Pais (Imagem 1), apercebemo-nos da sua estrutura pavilhonar, que permite classificar, dividir e separar os doentes em diferentes condições clínicas e sociais. Tendo em conta que a leprosaria foi dividida, tal como os diferentes asilos-colónias que lhe serviram de modelo (ver e.g. Costa 2008), em três zonas diferentes – a zona sã para residência dos funcionários, a zona intermediária para cresce e preventório e a zona infetada para o isolamento dos doentes com lepra, esta última de maior dimensão e instalada na Quinta da Fonte Quente foi segmentada e estruturada

> com pavilhões iguais em número e características para os dois sexos, separados por uma linha mediana assexuada, ao longo da qual se edificariam os serviços comuns aos dois sexos. Hospital, Capela e Serviços Administrativos.
>
> Escolheu-se o tipo Hospital-Asilo-Colónia porque dele fazem parte instalações apropriadas a receber doentes nas diferentes fases de evolução (Barreto 1972, 223).

Os diferentes pavilhões e núcleos familiares que compõem a zona infetada estão dispersos pelo terreno e irradiam de um centro mais ou menos imaginário, numa disposição divergente, afastando-se uns dos outros e dos dois eixos centrais constituídos pelo hospital, capela, edifício administrativo e pela lavandaria e cozinha.

Este modelo de distribuição informal, divergente e disseminada dos edifícios pelo terreno marca o isolamento e autonomia a cada um dos pavilhões, mas também de todo o hospital-colónia no seu conjunto. Também as "boas matas de pinheiros" e os "extensos e bons terrenos de cultura" da Quinta da Fonte Quente (Silva 1962, 27) são simultaneamente utilizados para isolar e afastar os diferentes pavilhões entre si e para isolar e afastar a Leprosaria Nacional Rovisco Pais dos "grandes meios populacionais", sendo esta uma intenção de partida (ver Imagem 2).

Porém, Bissaya Barreto combateu repetidamente e ao longo do ano de 1938, em particular no jornal *A Saúde*, o carácter carcerário das leprosarias e a ideia "errónia, antiquada e inaproveitável" de que os "leprosos" deveriam ser encerrados em ilhas, porque:

> a ilha dá a ideia de sequestração, de aprisionamento, de degredo e nós não pretendemos isso.
>
> Queremos que os doentes fujam para o Leprosário, não queremos que os doentes fujam do Leprosário.
>
> (...)
>
> Consultado um dia Emílio Ribas[1], disse: o melhor é não indicar ilha alguma, porque tôdas elas, mesmo as de fácil acesso, mostrarão aos doentes a intencional ideia de prisão, dificultando por isso a profilaxia.
>
> O degrêdo deve ser absolutamente condenado, porque representa uma perseguição ao «leproso» e um perigo para a saúde pública (Acudamos 1938, 4-5).

Segundo Bissaya Barreto, para se prevenir a lepra mais importante do que excluir, segregar ou aprisionar o doente era conhecê-lo e vigiá-lo, por isso, o leprosário não devia ser um lugar de encarceramento mas uma "aldeia simpática", para que o "leproso" pudesse aparecer e ser vigiado, ou seja, tornado visível. O isolamento e enclausuramento da zona doente da leprosaria não foram por isso realizados através da sua delimitação ou vedação composta, tal como realçou o seu primeiro diretor clínico Manuel Santos Silva (1962, 33), "por uma simples e precária sebe viva", mas pela auto-suficiência e pelo auto-centramento subjacentes ao modelo de Colónia Agrícola defendido por Bissaya Barreto

1 No 1º Congresso Médico Paulista, realizado em 1916, Emílio Ribas (1862-1925), diretor dos Serviços Sanitários de São Paulo, fez questão de enfatizar que a absoluta segregação dos doentes da sociedade se havia mostrado em outros países ineficaz, promovendo a fuga dos doentes de Hansen e dificultando, por isso, o controle e a profilaxia da doença (ver Andrade 2011).

enquanto instrumento de regeneração física e moral dos doentes internados. A vida e o meio no interior da leprosaria, virada de costas para o mundo exterior, poderia contribuir, segundo Bissaya Barreto, para o tratamento dos indivíduos portadores da doença de Hansen e assim, porque "o Leprosário, que trata, se transforma em arma de profilaxia" (A Revolução 1938, 4), para a proteção da saúde de toda a sociedade portuguesa.

Em 1942 são publicadas no jornal *A Saúde* as notas de um relatório elaborado pela Junta de Província da Beira Litoral, nas quais se afirma o seguinte:

> O Asilo-Colónia Rovisco Pais será uma aldeia simpática e acolhedora, onde os doentes, ao lado do trabalho, encontrarão divertimentos, onde a sua dor será esquecida, o seu isolamento não sentido, e o conforto e bom tratamento lhes farão esquecer o que se passa além das fronteiras do estabelecimento, de maneira a não sofrerem o peso e a tortura da doença.
>
> (…)
>
> Precisamos não esquecer que da permanência do doente depende todo o valor profilático da Obra e, por isso, é fundamental reter o doente, mantê-lo isolado, defendê-lo das saudades da família, mantê-lo alegre e tranquilo, facultando-lhe os meios de organizar com os outros uma vida Social, onde, não faltando música, teatro, trabalho, cinema, estudo, desporto, etc., encontre compensação para o exílio a que está condenado, e se não lembre, por vezes, do terrível infortúnio que deu motivo a essa reclusão (Notas 1942, 13).

Os asilos-colónias para doentes de Hansen foram alternadamente descritos, por exemplo no Brasil, como "aldeias", "microcidades" ou "cidades livres" (ver Costa 2008; Andrade 2011; Leandro 2009). O Hospital-Colónia Rovisco Pais tende, aliás, a assemelhar-se, como refere Bissaya Barreto a propósito da sua proposta de construção de um Hospital-Asilo-Colónia para "alienados", a um falanstério (ver Barreto 1935), a um mundo social e espacialmente auto-suficiente, centrado e encerrado sobre si. Embora tenha sido concebido, como vimos, como um conjunto de pavilhões e núcleos familiares autónomos, todos eles irradiavam de um centro, social e espacial, composto pelos edifícios comunitários - hospital, capela, serviços administrativos, lavandaria e cozinha - cuja disposição revela que o Rovisco Pais foi também pensado como uma comunidade auto-centrada e de costas voltadas para o mundo exterior. E ao mesmo tempo que todo o hospital colónia se virava para o seu interior, estando espacialmente organizado em torno de um centro imaginário desprovido de uma clara articulação com a entrada, também os diferentes pavilhões que dele faziam parte se encerram no seu próprio universo interno, tendo a sua frente virada para os seus próprios jardins e espaços exteriores e apenas uma articulação funcional e pelas traseiras com os outros pavilhões. Em breve, será publicado um livro de fotografia sobre o Hospital-Colónia Rovisco Pais. As fotografias, de autoria

de Emanuel Brás, tiradas, em 2009, a partir das salas de estar das antigas Casas para Trabalhadores, mostram que nestes espaços não se estabelece qualquer relação visual com outros edifícios, a não ser com a capela, adotada como centro espacial e social da leprosaria, e neles apenas se pode percorrer através do olhar os "belos parques e jardins" do ambiente envolvente (ver Imagens 3, 4, 5 e 6).

Gostaria agora de interrogar a associação estabelecida por Bissaya Barreto entre o hospital-asilo-colónia por ele concebido para o internamento dos "alienados" e, neste caso, para os doentes de Hansen, e o falanstério. Charles Fourier (1772-1837), associado ao socialismo utópico por Marx e Engels no *Manifesto Comunista*, lança em 1822 o jornal *O Falanstério*, mais tarde designado *A Falange* (ver Imagem 7). O falanstério, tal como outras cidades utópicas do século XIX, surge da crítica à sociedade industrial e como uma alternativa à metrópole ou às cidades densamente povoadas. Em "O Falanstério", pela primeira vez publicado em 1822, em *O Tratado da Associação Doméstico-Agrícola*, mais tarde reeditado como *Teoria da Unidade Universal*, Fourier sublinha que:

> Os alojamentos, jardins e estábulos de uma sociedade composta por séries de grupos deve ser consideravelmente diferente dos das nossas aldeias e cidades, que são organizadas perversamente para famílias que não têm relações comunitárias. Na vez do caos de pequenas casas que rivalizam umas com as outras em sujidade e fealdade nas nossas cidades, a falange constrói para si própria um edifício tão perfeito quanto o terreno permitir (Fourier 1972a, tradução da autora).

As Falanges seriam ao mesmo tempo urbanas e rurais, seriam auto-suficientes (para 300 ou 400 famílias), dispondo de terras para agricultura e outras atividades económicas[2] e teriam uma grande casa comum - o falanstério. A parte central do falanstério seria para as atividades tranquilas e silenciosas. Teria salas de jantar, sala de reunião, livrarias, lugares de estudo, um templo, e um pátio de inverno adornado com plantas resinosas. Uma das alas do falanstério seria para atividades ruidosas, como carpintaria, forja, e outras oficinas onde se utilizaria o martelo, e todas atividades envolvendo crianças, consideradas muito ruidosas mesmo em termos musicais (ver Fourier 1972a). Segundo Fourier (idem), o agrupamento destas atividades evitaria os espaços incómodos das cidades civilizadas, onde qualquer rua tinha o seu ferreiro ou aprendiz de clarinete. A outra ala seria para salas de encontro com os forasteiros que não poderiam entrar na parte central do falanstério (idem).

Fourier (idem) realça que a característica mais importante do falanstério é a *rua-galeria*, por isso, ela é descrita num capítulo separado intitulado "Uma inovação arquitetónica: a rua-galeria", como "um modo de comunicação interna capaz, só ela, de inspirar

2 "A Falange é uma pequena cidade: até porque tem um grande número de edifícios rurais adjacentes do tipo que os nossos citadinos e proprietários relegam para as suas residências no campo" (Fourier 1972b).

desprezo pelos palácios e as grandes cidades da civilização (…) depois de três séculos de estudos em arquitetura, ainda não se aprendeu como construir alojamentos saudáveis e confortáveis. Na civilização só concebemos o luxo de modos simples: não temos noção de formas luxuosas coletivas" (Fourier 1972b). Na Falange, que Fourier designa por Harmonia, o homem mais pobre[3] passava da sua residência para os espaços públicos e oficinas através de ruas-galerias que eram quentes no inverno e ventiladas no verão (ver idem) (Imagem 8).

É conhecida a relação que Walter Benjamin estabelece, em "Paris, capital do século XIX" (2001), entre o falanstério e as galerias ou passagens parisienses, construídas na primeira metade do século XIX como centros destinados ao comércio de artigos de luxo. Ambos são mundos de sonho através dos quais se procura suprimir e transfigurar a imperfeição do mundo social. Mundos que sonham com a época seguinte, nos quais o novo e a proto-história se misturam produzindo a utopia. Ambos são microcidades ou mundos em miniatura. Ambos são marcados por ruas internas e poderemos dizer, como Barthes (1971), que neles se confunde uma organização do edifício e uma organização do território, de modo que (numa perspetiva verdadeiramente moderna) a arquitetura e o urbanismo se desfazem um ao outro. Em ambos os casos o edifício se confunde com a cidade e surge virado para dentro e de costas para um mundo exterior, considerado imperfeito, impuro, doente, perigoso, desorganizado, imoral.

Regressaria agora à associação estabelecida por Bissaya Barreto entre os hospitais asilos colónias para tratamento, educação, e regeneração física e moral dos doentes de Hansen e "alienados" e o falanstério enquanto proposta utópica de transformação social. Também o hospital-colónia Rovisco Pais se apresenta, como vimos, como um mundo em miniatura, auto-suficiente e encerrado sobre si, isolado e afastado dos "grandes meios populacionais". Nele, o rural e o urbano, o antigo e o novo se misturam, como em muitas propostas utópicas do século XIX (Imagens 9, 10, 11). Nele, existem alojamentos coletivos, como os asilos, pavilhões e casas para trabalhadores, com quartos, refeitórios, copa, salas de estar, salas de tratamento, galerias e instalações para pessoal vigilante e de enfermagem, de modo a se tornarem auto-suficientes, embora também existam núcleos familiares, também eles com cozinha, hortas, salas de estar e de espetáculo. No Rovisco Pais também se confundem e se desfazem portanto reciprocamente arquitetura e urbanismo, já que cada um dos pavilhões e núcleos familiares surgem isolados e encerrados sobre si tal como todo o Hospital-Colónia no seu conjunto, reproduzindo, numa outra escala, o auto-centramento da colónia onde se inserem.

No seu influente livro *Morte e Vida das Grandes Cidades* (2000), Jane Jacobs defende que todas as propostas utópicas de cidades ilhadas e auto-suficientes, de baixa densidade

3 Na Falange a riqueza e remuneração de cada um variava de acordo com o capital, trabalho e talento (ver "The Phalanstery" in *Manuscrits de Fourier* disponível em http://www.historyguide.org/intellect/fourier.html).

demográfica, constituídas por casas dispersas e cercadas por áreas verdes, na procura da "ilusão de isolamento e privacidade", como a Cidade-Jardim de Ebenezer Howard, se basearam num profundo desprezo pelas cidades grandes, pelas suas ruas e multidões, pretendendo acabar com elas. Jacobs mostra como estes princípios anti-cidade foram introduzidos pelo arquiteto Le Corbusier no interior da própria metrópole, densamente povoada, através das suas propostas de cidade-jardim-vertical, dando origem ao que ela designa por urbanismo moderno ortodoxo.

Pergunto por isso, e assim termino, se o modelo "urbano" e arquitetónico traçado por Bissaya Barreto para isolamento dos doentes de Hansen não é no fundo o mesmo que ainda hoje contínua a estruturar as cidades onde vivemos, de tal modo que poderíamos dizer que também "nós" vivemos isolados, em casas viradas de costas para a rua, em centros comerciais ou parques urbanos, em condomínios, urbanizações ou quarteirões encerrados, tal como os doentes de Hansen viveram isolados, é verdade que compulsivamente, no Hospital-Colónia Rovisco entre 1947 e 1974 (imagem 12)?

Bibliografia

"Acudamos aos leprosos: a lepra, o mal sujo e imundo dos antigos." 1938. *A Saúde* 177/178: 4-5.

Andrade, Marcio Magalhães. *Capítulos da história sanitária no Brasil: a atuação profissional de Souza Araujo entre os anos 1910 e 1920*. Tese (Doutoramento) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011.

"A revolução nacional ao serviço da saúde dos trabalhadores." 1938. *A Saúde* 183/184: 4.

Bandeirinha, José António Oliveira. *Quinas vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40*. Porto: FAUP publicações, 1996.

Barreto, Fernando Bissaya. "E assim nasceu a Tocha..." *Rovisco Pais: revista portuguesa da doença de Hansen* 11.3 (1972): 215-234.

Barreto, Fernando Bissaya. "A assistencia aos loucos em Portugal: solução do problema." *I congresso da União Nacional: discursos, teses e comunicações II*, 145-49. Lisboa: Edição da União Nacional, 1935.

Barthes, Roland. *Sade, Fourier, Loyola.* Lisboa: Edições 70, 1971.

Benjamin, Walter. "Paris, Capital do Século XIX." *Cidade, cultura e globalização.* Org. Carlos Fortuna, 67-80. Oeiras: Celta, 2001.

Campbell, Margaret. 2005. "What tuberculosis did for Modernism: the influence of a curative environment on modernist design and architecture." *Medical History* 49 (2005): 483-488.

Costa, Ana Paula Silva. *Asilos colônias paulistas: análise de um modelo espacial de confinamento*. Tese (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Costa, Renato Gama-Rosa. "Apontamentos para a arquitetura hospitalar no Brasil: entre o tradicional e o moderno." *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 18.1 (2011): 53-66.

Forty, Adrian. "The modern hospital in England and France: the social and medical uses of architecture." *Building and society*. Ed. Anthony King, Londres: Routledge, 1980. 61-93.

Foucault, Michel *et al*. *Les machines à guérir: aux origines de l´hôpital moderne*. Liège: Pierre Mardaga, 1979.

Foucault, Michel. *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

Fourier, Charles. "The Phalanstery." *Manuscrits de Fourier,* 1851. (disponível em http://www.historyguide.org/intellect/fourier.html).

Fourier, Charles. "The Phalanstery." *The utopian vision of Charles Fourier*, Ed. Jonathan Beecher e Richard Bienvenu. Londres: Jonathan Cape, 1972 a. (disponível em http://www.marxists.org/reference/archive/fourier/index.htm).

Fourier, Charles. "An architectural innovation: the street-gallery." In *The utopian vision of Charles Fourier*, editado por Jonathan Beecher e Richard Bienvenu. Londres: Jonathan Cape, 1972 b. (disponível em http://www.marxists.org/reference/archive/fourier/index.htm).

Green, Nicholas. *The spectacle of nature: landscape and bourgeois culture in nineteenth-century France*. Manchester: Manchester University Press, 1990.

Jacobs, Jane. *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Jerónimo, Ricardo. "Bissaya Barreto e a arquitectura." *MACA – Magazine de Arte de Coimbra e Afins* 3 (2008): 12-21.

King, Anthony D. *Spaces of global culture: architecture, urbanism, identity*. Londres: Routledge, 2004.

Leandro, José Augusto. "A hanseníase no Maranhão na década de 1930: rumo à Colônia do Bonfim." *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 16.2 (2009): 433-447.

"Notas do relatório que no dia 2 de Dezembro de 1941 a Junta da Província da Beira Litoral, em obediência ao artº320 do código administrativo, houve por bem apresentar ao Conselho Provincial." 1942. *A Saúde* 266/272:2-17.

Providência, Paulo. *A cabana do higienista*. Coimbra: e/d/arq., 2000.

Silva, Manuel Santos. "Hospital-Colónia Rovisco Pais (última leprosaria do continente português)." *Rovisco Pais: revista portuguesa da doença de Hansen* 1.3 (1962): 10-41.

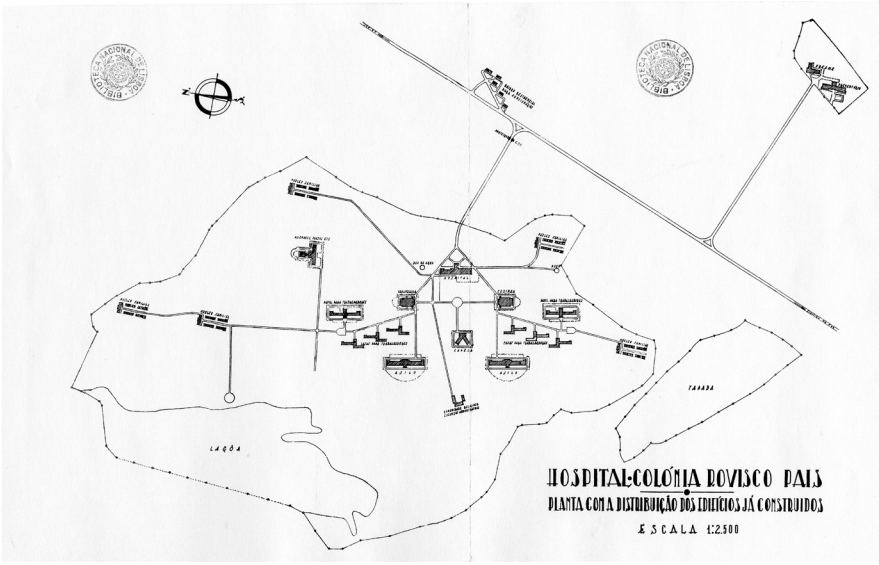


Imagem 1
Planta com a distribuição dos edifícios já construídos [do] Hospital-Colónia Rovisco Pais"
Escala 1: 2500. Dimensão: 23,1 x 33,5 cm. Impressão: litografia
Data publicação: 1956

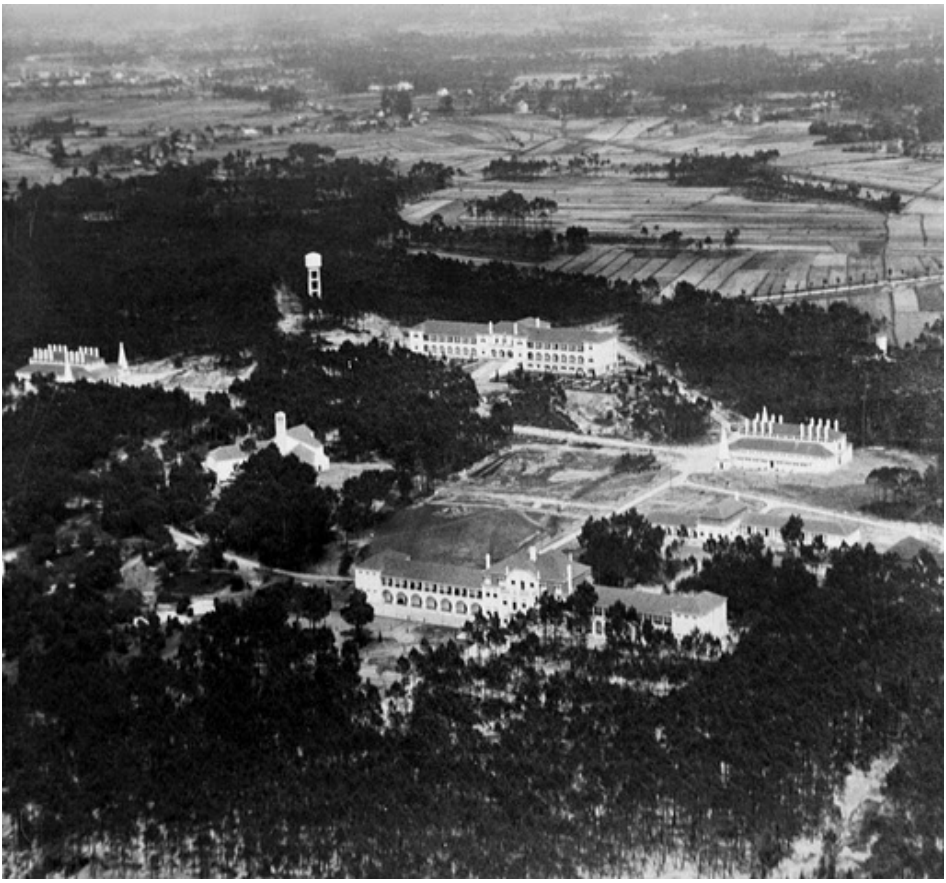


Imagem 2 – Fotografia aérea do Hospital-Colónia Rovisco Pais



Imagem 3 – Casa para Trabalhadores
Mário Novais, anterior a 1953 / Emanuel Brás,2009

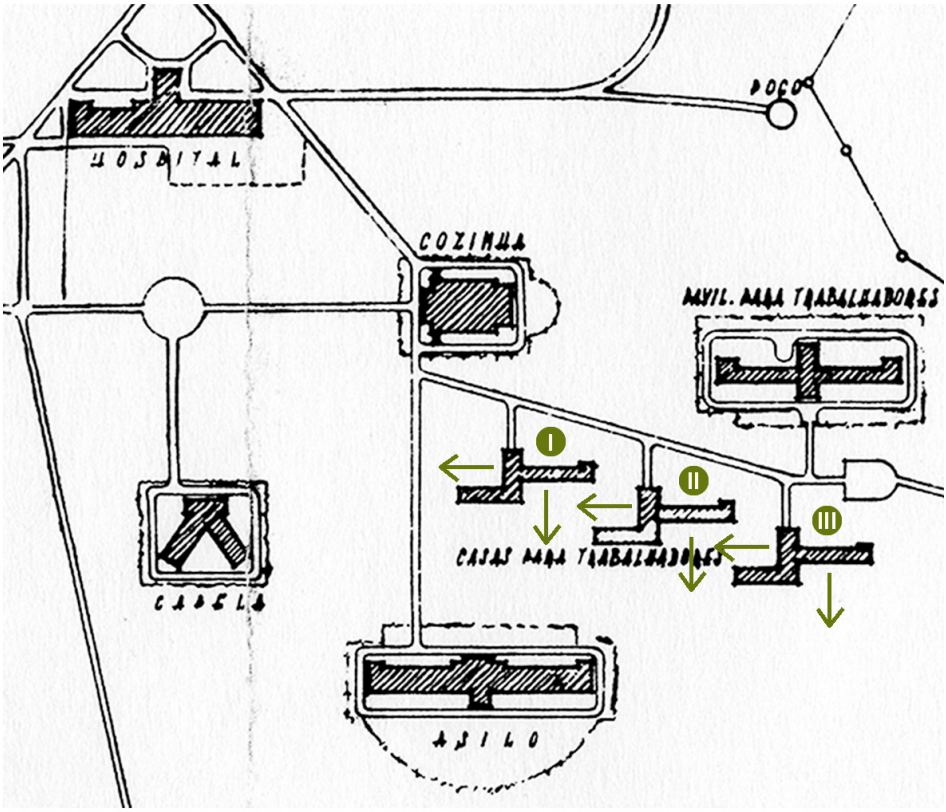


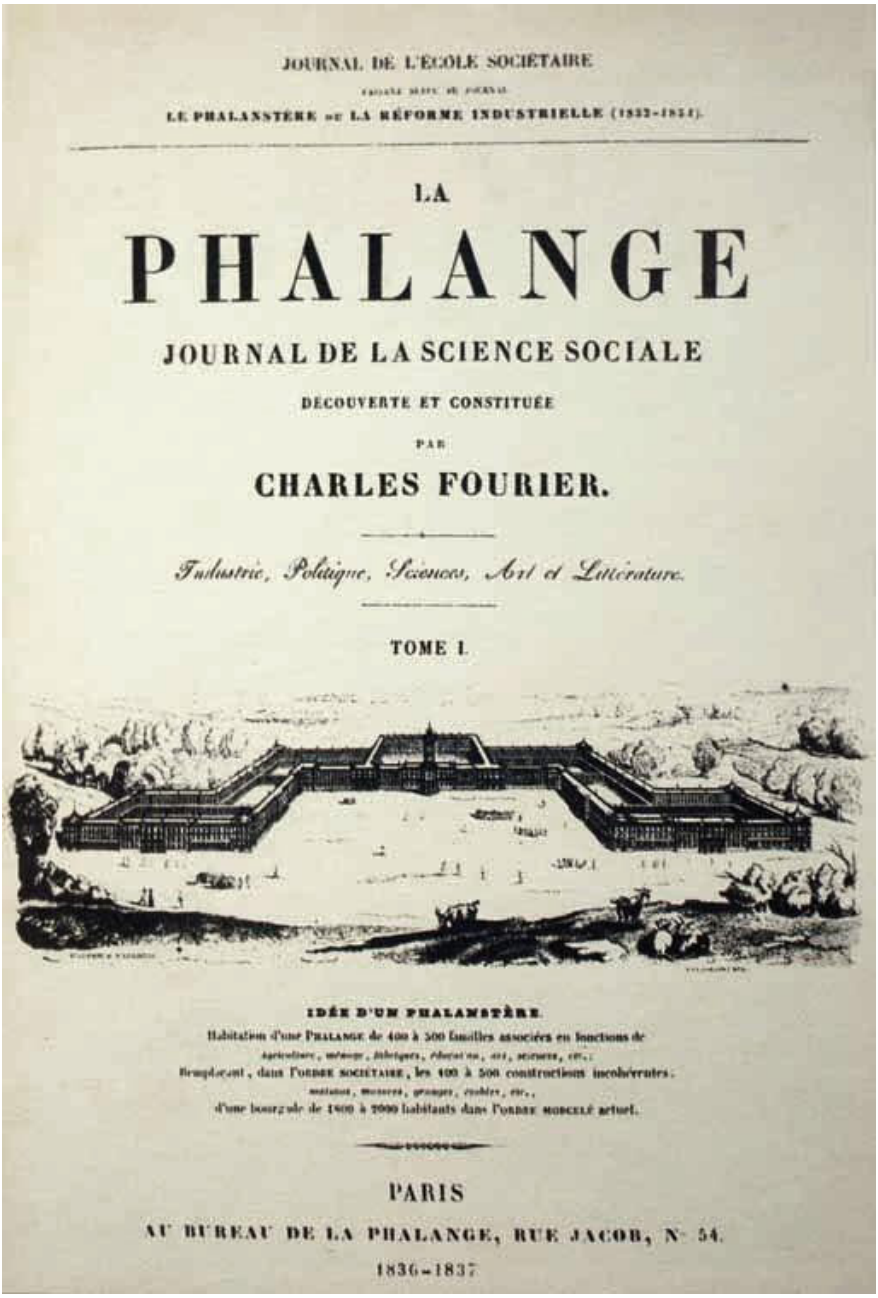
Imagem 4 – Planta do Hospital Colónia Rovisco Pais



Imagem 5 – Emanuel Brás: vistas a partir da galeria de Inverno e alpendre no núcleo da tipologia "Casas para trabalhadores" do Hospital Colónia Rovisco Pais, 2009



Imagem 6 – Capela
Mário Novais, anterior a 1953 / Emanuel Brás 2009


JOURNAL DE L'ÉCOLE SOCIÉTAIRE

LE PHALANSTÈRE OU LA RÉFORME INDUSTRIELLE (1832-1834).

LA

PHALANGE

JOURNAL DE LA SCIENCE SOCIALE

DÉCOUVERTE ET CONSTITUÉE

PAR

CHARLES FOURIER.

Industrie, Politique, Sciences, Art et Littérature.

TOME I.

IDÉE D'UN PHALANSTÈRE.

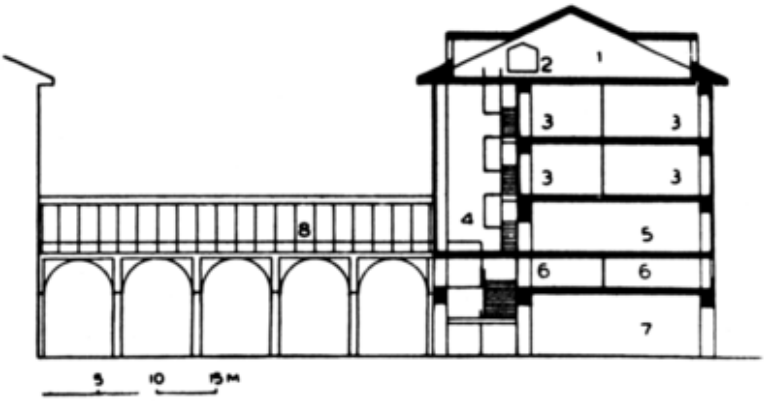
Habitation d'une PHALANGE de 400 à 500 familles associées en fonctions de
Agriculture, ménage, fabriques, éducation, art, sciences, etc.;
Remplaçant, dans l'ORDRE SOCIÉTAIRE, les 400 à 500 constructions incohérentes,
maisons, masures, granges, étables, etc.,
d'une bourgade de 1400 à 2000 habitants dans l'ORDRE MORCELÉ actuel.

PARIS

AU BUREAU DE LA PHALANGE, RUE JACOB, N° 54.

1836-1837

Imagem 7- Jornal a "Falange"



Secção esquemática do Falanstério, segundo as indicações do *Tratado*: (1) sótão, com os quartos para os hóspedes; (2) reservatórios hídricos; (3) aposentos privados; (4) *rue intérieure*; (5) salas de reunião; (6) sobreloja; (7) andar térreo com passagens para viaturas; (8) passadiço coberto. Fonte: (BENEVOLO, 1981).

Imagem 8 – Falanstério de Charles Fourier



Imagem 9 – Lavandaria



Imagem 10 – Cozinha



Imagem 11 – Emanuel Brás: refeitório/sala de estar de um dos edifícios tipologia "Asilo" do Hospital Colónia Rovisco Pais, 2009, a partir de fotografia de Mário Novais c. 1947



Imagem 12 – Aguarela, vista voo de pássaro